

O menino e o condenado

Atrás das grades, ele
ajudou um desconhecido
e redescobriu o amor

JOSEPH P. BLANK
E MARJORIE J. MUELLER

QUANDO chegou da Prisão Estadual de Folsom, na Califórnia, uma carta para Treva e George Allison, em princípios de fevereiro de 1972, eles já haviam perdido a esperança. Alguns dias antes do Natal tinham enviado apelos a várias dezenas de jornais da Califórnia, pedindo que algum correeiro fizesse um aparelho ortopédico para o pescoço de seu filho, Kearey, de sete anos. Anteriormente, eles haviam consultado em vão todas as firmas de aparelhos similares da área de Oakland e São Francisco, mas parecia que a arte de trabalhar o couro nessa especialidade se tinha tornado tão dispendiosa que já não havia possibilidade de encontrar ninguém que fizesse tais aparelhos.



O rosto de Kearey Allison, assim como o pescoço, a parte superior do tronco e os braços, tinham ficado seriamente queimados em outubro, quando suas roupas se incendiaram numa fogueira de acampamento. Durante a viagem de três horas e meia, de carro e de ambulância, para a unidade de queimaduras do Hospital St. Francis Memorial, em São Francisco, o menino não parava de chorar e dizer a sua mãe: «Mamãe, acho que vou morrer. Acho que nunca mais vou poder brincar.»

Kearey tinha sofrido queimaduras em quase 35% de seu corpo, mas informaram aos Allisons que as chances de sobrevivência eram boas. A vontade de viver, no entanto, é quase tão importante como a assistência médica especializada e os cuidados de enfermagem, porque as dores são horríveis. Kearey logo demonstrou essa determinação. Quando o cirurgião plástico Lawrence Foster, que lhe fazia os enxertos de pele, disse que pensava dar-lhe alta em fevereiro, o menino suplicou: «Não! Quero estar em casa no Natal!».

No entanto, assim que a pele queimada começou a cair, Kearey passou a sofrer dores indescritíveis. O sofrimento também era horrível quando diariamente lhe faziam os curativos. À medida que os enxertos de pele iam pegando, ele tinha de suportar terríveis comichões — mas não podia coçar para não destruir os enxertos. Para Treva, os olhos de seu filho pareciam ter 100 anos de idade.

Apesar de tudo, ele só desanimou uma vez. Em 8 de dezembro, quando sua mãe chegou à unidade de queimaduras, a enfermeira-chefe disse-lhe que o menino estava completamente transtornado; haviam-lhe dado tranqüilizantes, mas ele lutava contra o sono. Treva foi encontrar Kearey desesperado, agitando a cabeça de um lado para o outro. «Mamãe, não agüento mais», gritava. «Quero morrer.»

Por fim, adormeceu profundamente. Quando acordou, o estado de depressão tinha passado. Quatro dias mais tarde, Kearey teve alta. Tinha conseguido levar avante sua determinação de estar em casa no Natal.

Enxertos dolorosos. Antes de Kearey deixar o hospital, disseram aos pais que ele teria de voltar periodicamente para mais enxertos de pele. Depois, fariam *check-ups* para ver se seriam necessárias novas intervenções cirúrgicas, em virtude das mudanças provocadas pelo crescimento. Os enxertos de pele não crescem tão rapidamente nem de modo tão uniforme como a pele normal; com o tempo, chegam a reduzir a mobilidade nas áreas das articulações. No caso de Kearey, os enxertos poderiam afetar-lhe os movimentos dos braços, das costas, do pescoço e da cabeça, ou prejudicar o crescimento dos ossos.

De fato, quando Kearey ainda estava hospitalizado, os enxertos e as cicatrizes das queimaduras começaram a contrair-se. Os Allisons notaram que o queixo de Kearey e o lado

esquerdo do maxilar estavam sendo puxados cada vez mais em direção da clavícula. (Mais tarde, o queixo retorceu-se e a boca ficou tão disforme que ele não podia fechá-la completamente.) Por isso o menino precisaria de usar um incômodo aparelho para o tronco e outro para o pescoço, durante oito a dez meses, a fim de se evitar a contração das cicatrizes, o que poderia provocar encurvamento da coluna vertebral e deformação de alguns ossos faciais.

O Dr. George Scrimshaw, cirurgião plástico encarregado do tratamento de Kearey, recomendou um aparelho de couro, feito sob medida, para o pescoço e o maxilar. Se o revestimento interior do aparelho se ajustasse perfeitamente e não tivesse costuras nem dobras, permitiria que os enxertos se desenvolvessem convenientemente. A grande vantagem do couro é o conforto que proporciona. Bem feito, um aparelho de couro pode prestar o necessário suporte e ser ainda suficientemente flexível – o que um aparelho de metal e plástico não é. Como o couro é poroso, provoca também menor transpiração que o plástico. O cirurgião não sabia de ninguém que fizesse um aparelho desses, mas disse aos Allison que tentassem encontrá-lo.

Depois de várias tentativas sem sucesso, um fabricante de aparelhos ortopédicos resolveu o problema de Kearey, quando este teve alta do hospital, fazendo-lhe um dispositivo de metal e plástico forrado com espuma de borracha. O aparelho,

porém, era tão desconfortável que o menino não o agüentava e chorava, e tão insuportável (como qualquer um teria sido naquela fase) que a mãe de Kearey resolveu tirá-lo.

«**Por que não tentar?**» Mais ou menos em princípios de fevereiro, o encarregado da oficina de artes e ofícios da prisão de Folsom chamou a atenção do preso Morgan Leach para uma nota publicada no jornal *Bee*, de Sacramento, a respeito de uma criança que havia sofrido queimaduras graves e precisava de um aparelho de couro para o pescoço. Leach, de 51 anos, que estava cumprindo pena de dez anos por homicídio involuntário, trabalhava com couros desde a adolescência e adorava sua profissão.

Leach, prontamente, solicitou uma entrevista com o diretor-adjunto, Robert C. Thomas. Explicou-lhe que nunca tinha feito um aparelho ortopédico, mas que gostaria de tentar. Thomas escreveu aos Allison, comunicando o oferecimento.

Treva disse a George: «Não vejo como esse homem poderá resolver o problema, mas por que não tentar?» George concordou.

Foi uma viagem de 185km até Folsom. Embora Thomas tentasse pô-los à vontade em seu escritório, Treva e George sentiam-se nervosos e contraídos. Kearey estava tranqüilo. Depois de alguns minutos, Morgan Leach entrou, com um ar frio e profissional.

Ele não era, na verdade, homem propenso a mostrar emoções. Ti-

nha-se separado da mulher há 18 anos e algum tempo depois fora informado de que ela e as três filhas do casal tinham morrido num acidente de automóvel. Passou a vagabundear, e cumpriu algumas penas na prisão antes desta sua última sentença. Havia jurado nunca mais conviver com outras pessoas nem se tornar dependente de ninguém.

Ao ver as cicatrizes de Kearey, Morgan escondeu sua emoção, mas, subitamente, passou a interessar-se bastante por aquele rapaziño com manchas de um vermelho vivo, de queimaduras de segundo grau, na testa e na face direita. Resolveu fazer-lhe um aparelho perfeito, custasse o que custasse.

Morgan fez perguntas sobre os tecidos das cicatrizes, tomou medidas do pescoço e do maxilar de Kearey, e desenhou esboços. Então, disse aos Allison: «Acho que vai dar. Preciso de tempo para arranjar os materiais necessários e fabricar o aparelho. Comunicarei ao diretor-adjunto Thomas quando estiver pronto para prova.»

De volta à sua cela, Morgan começou a elaborar desenhos baseados nas medidas e nos esboços. Resolveu fazer o aparelho abrindo-se em duas partes, que se ajustariam uma à outra. O exterior seria de couro do pescoço do boi, que é o mais duro; o interior, da mais macia pele de gamo. Preencheria o espaço entre esses dois revestimentos com espuma de borracha de alta densidade. As duas partes do aparelho unir-se-iam com fitas adesivas Vel-

cro — material que adere firmemente, mas que pode ser retirado facilmente como uma fita colante.

Morgan escreveu a fornecedores, pedindo amostras, e finalmente localizou um que tinha pele de gamo curtida pelo processo dos índios. Em geral, curte-se quimicamente a pele de gamo, e Morgan receava que os enxertos pudessem reagir às substâncias químicas. Em seu método, os índios usam órgãos do próprio gamo para curtir seu couro.

O mais difícil da obra era fazer o revestimento externo de couro, que daria ao aparelho sua forma, resistência e adaptabilidade. Se fosse convenientemente moldado, permitiria que a parte interna se adaptasse ao maxilar, aconchegando apropriadamente sem fazer pressão em qualquer parte da mandíbula.

Morgan cortou o material segundo as medidas e, com o consentimento silencioso dos guardas da prisão, conseguiu levar para sua cela um radiador elétrico. O couro de boi, quando úmido, é mole e flexível, mas ao secar fica duro e pouco maleável. Para conseguir a forma desejada, Morgan teria de trabalhá-lo continuamente durante o longo processo de secagem. Por duas vezes, moldou o couro por mais de 24 horas seguidas, enquanto este ia secando sob o radiador, que quase queimava as suas mãos.

As provas. Mais ou menos todas as semanas, os Allison iam ao escritório do diretor-adjunto da prisão, enquanto Morgan experimentava o aparelho e anotava as devidas modi-

ficações. Quase no fim de abril, pouco depois de se terem retirado as ataduras do mais recente enxerto do pescoço de Kearey, Morgan estava experimentando o aparelho, quando, inadvertidamente, roçou com ele na pele extremamente sensível do enxerto. Kearey não disse nada, mas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Morgan ficou cheio de remorsos. «Desculpe Kearey», disse ele sempre imperceptivelmente. «Não queria machucar você, por nada deste mundo.» As lágrimas toldaram-lhe a visão, e nesse dia ele já não conseguiu trabalhar.

Em junho, Morgan aplicou o aparelho em Kearey para outra prova. Momentos depois, o menino comentou: «Está ótimo!»

Durante nove meses, Kearey usou o aparelho 24 horas por dia, até que os enxertos consolidaram e deixaram de exercer tração entre o maxilar e a clavícula. Funcionava otimamente. O revestimento interior, sem costuras nem dobras, não deixava quaisquer marcas nos enxertos; o mesmo acontecia com a junção das duas partes, que se adaptavam perfeitamente.

No decorrer do verão e do outono, os Allisons voltaram regularmente a Folsom para pequenos ajustamentos no aparelho. Algumas visitas realmente não eram necessárias, mas Morgan e os Allisons queriam continuar a ver-se. O casal desejava levar presentes para o recluso, mas o regulamento da prisão não permitia. A lei, no entanto, não

proibia Morgan de dar presentes aos Allisons: objetos de couro e outros obtidos por troca com presidiários artífices.

Nos dois anos seguintes, os Allisons continuaram a visitar o preso. Entre essas visitas, Treva, Kearey e o irmão e a irmã mais novos escreviam cartas e mandavam cartões e fotografias. Morgan respondia: «Há tanto tempo que ninguém se preocupa comigo.»

À medida que seu relacionamento se aprofundava, Morgan começou a falar do que iria fazer quando saísse da prisão. Pensava tornar-se caçador nas regiões selvagens: Treva e George protestavam: «Olhe, se você pensa que pode entrar assim em nossas vidas e depois sumir, está enganado! Não iremos permitir que você nos deixe.»

«Desculpem», respondeu Morgan. «Não queria ferir os sentimentos de vocês. Kearey é quase como meu filho. Conhecer vocês foi a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu.»

Uma vida nova. Os Allisons disseram a Morgan que, quando fosse posto em liberdade, eles o levariam para sua casa. Precisava de tempo para se readaptar à sociedade. No dia 7 de dezembro de 1974, telefonou-lhes e anunciou: «Olha! Vou ser solto depois de amanhã.»

Às 4:30 da madrugada, toda a família Allison já estava a caminho. Eles esperaram por Morgan na cerca do lado de fora dos muros da prisão. Às 7:15, o ex-presidiário Morgan Leach, de maleta na mão,

saiu apressadamente. Kearey estava radiante no caminho para casa, e continuava repetindo: «Este vai ser o melhor Natal de todos.»

Nos dias que se seguiram, Morgan deu longos passeios com Kearey. Ensinou o menino a cortar, trabalhar e coser o couro. Uma profunda afeição nasceu entre eles. Algumas semanas depois de posto em liberdade, uma agência noticiosa distribuiu uma história contando que ele se unira à família que tinha ajudado quando estava na prisão. No norte do estado de Nova York, a história foi lida pela Sra. Leach e suas filhas. A notícia que Morgan tinha recebido sobre a morte delas num acidente fora motivada por troca de nomes e informações erradas. Pela primeira vez, em 22 anos, ela sabia onde estava seu marido. Mas qual seria a reação dele?

Ela disse a uma das filhas que telefonasse para casa dos Allisons. Morgan ficou atordoado, mas logo pediu para falar com a mulher. Ela pegou um avião e veio encontrá-lo.

Os Leaches se reconciliaram. Morgan abriu uma loja de couros, e o casal foi morar numa cidadezinha não longe da dos Allisons, para onde duas das filhas de Leach se haviam mudado com suas famílias. Infelizmente, a tal loja faliu, e Morgan tem sofrido de várias doenças. Agora, contudo, arranjou um emprego de meio expediente e anda procurando uma ocupação mais estável.

Está muito grato por tudo. Com a mulher, filhas e netos perto dele, é agora mais feliz do que nunca — e tudo isso porque, atrás das grades da prisão, ajudou um menino desconhecido que dele precisava.



UM GRUPO de escoteiros que excursionava pelo norte do País de Gales estava assistindo a uma aula de leitura de mapas quando o instrutor notou que um dos rapazes parecia obviamente desatento. Passando-lhe o mapa, rosnou: «Mostre-me onde estamos.»

O rapaz estudou o papel cuidadosamente, em seguida perscrutou com o olhar as montanhas em volta, e, apontando para um pico distante, asseverou: «Estamos lá em cima.»

— Ken Elston, Birmingham, Inglaterra

UM DIA, o padre Bernard Vaughn (jesuíta famoso por seus pitorescos sermões) viajava num trem com um jovem aborrecido que se dedicava a irritar os outros passageiros. Quando, por fim, o rapaz desceu, o padre Vaughn bateu no vidro da janela e chamou-o, dizendo para ele, que já estava na saída da estação: «Você deixou uma coisa aqui.»

O rapaz voltou como um raio, e começou a perguntar pela janela, com um trejeito de boca: «Que foi? Que foi?» enquanto o trem começava a afastar-se da estação. O padre então gritou-lhe: «Uma péssima impressão!»

— Evening Standard, Londres